

Para voltar a crescer

110 MAR 1997

Não há unanimidade entre economistas privados e planejadores oficiais sobre as estimativas de desempenho da economia brasileira este ano. Uma série de variáveis intervêm para dificultar projeções confiáveis. Enquanto parte do empresariado duvida de crescimento adequado ao potencial do país, a burocracia governamental crê em expansão econômica em torno de 4%. Entre uma e outra posições situa-se uma verdade inarredável. A retomada do crescimento econômico pressupõe venda radical das empresas estatais e abertura consistente do mercado para os investimentos externos.

Para crescer nas condições atuais, o Brasil necessitaria importar bens de capital (máquinas industriais, equipamentos e planilhas tecnológicas) e reduzir as taxas de juros aos níveis praticados no plano externo.

Na primeira hipótese, parte significativa das reservas cambiais seria consumida. Estariam escancaradas, então, as portas para a crise cambial e, conseqüentemente, a retirada da âncora mais robusta do atual plano econômico. Na segunda hipótese, a maior parte dos investidores externos no mercado de capitais (aplicações especulativas) venderia suas posições, porque cessariam os atrativos dos juros altos. Um outro e não menos perigoso dreno nos ativos cambiais.

Assim, o Brasil seguiria a mesma rota desastrosa do México. Portanto, a retomada do crescimento sem riscos só ocorrerá pela mobilização adequada de recursos procedentes da privatização das estatais e dos investi-

mentos diretos na área de concessões de serviços públicos.

A atração de capitais externos para o desenvolvimento de projetos de natureza infra-estrutural, se possível em associação com empreendedores nacionais, é a única forma de garantir o crescimento em um país estrangulado por déficit público considerável, portador de graves indicadores sociais e em crise crônica de poupanças internas.

Não é fora de propósito a estimativa de que o acesso das telecomunicações ao capital estrangeiro poderá trazer ao Brasil investimentos da ordem de US\$ 50 bilhões até o ano 2.000. Sabe-se que o mercado mundial do setor realiza negócios anuais acima dos US\$ 600 bilhões. Portanto, a fatia que se espera seja destinada ao Brasil guarda perfeita coerência com o giro financeiro internacional e o potencial do país.

Para tanto, é preciso que o Congresso mantenha a estrutura básica da Lei Geral de Telecomunicações. Prevê-se, ali, que os investidores estrangeiros poderão explorar até 100% a telefonia celular e por satélite. Fora da área de serviços, a internacionalização da economia já colhe resultados apreciáveis. É o caso dos investimentos diretos programados para a instalação de novas plantas industriais no setor automobilístico, estimados em US\$ 14 bilhões até fins de 1999.

Conclui-se que, do êxito das reformas em marcha, depende a recondução do país às trilhas do desenvolvimento. E desenvolvimento significa resgate da dívida social com milhões de brasileiros ainda atirados abaixo da linha de pobreza.